# Um livro sobre a Marqueza de Santos

Quando se annunciou que Alberto Rangel preparava uma monographia sobre a Marqueza de Santos, a noticia foi acolhida com a sympathia e curiosidade devidas a escriptor já tão vantajosamente conhecido. Apenas podia haver duvida se, votado até aqui a obras de fantasia, saberia subordinal-a ao estudo de aridos papeis velhos. Agora o receio perdeu a razão de ser: o livro sahio com documentação forte e solida; difficilmente se encontraria trabalho nacional lançado em alicerces tão profundos e seguros como *D. Pedro I e a Marqueza de Santos.*

Quatorze paginas em oitavo (432 a 446) enumeram a litteratura consultada e assimilada: grossos *in-folios*, collecções de jornaes, relatorios, autos de cartorios, memorias ineditas, avulsos, correspondencias particulares, correspondencias diplomaticas dos Estados Unidos, da França, da Hespanha, da Prussia, da Austria, da Suecia, de Roma, etc. Não pouco do apurado provém de procedencia diplomatica, mas o diplomata não goza de posição privilegiada sobranceira á critica. «Até que ponto acreditar nos depoimentos da chronica viva, lançada por vadios attentos ao que lhes chegasse aos ouvidos, por sobra de tempo, incansaveis escrivães do consta e do mexerico, na representação das potencias, é questão delicada e mui complexa. Os signatarios de taes peças eram individuos extranhos á sociedade onde se achavam, como cahidos

de outro mundo e aperreados em meio ôco, semi-barbaro e quasi grotesco; excital-os-hia o vehemente desejo de sobrecarregar os Correios» (Pag. 292).

No desejo de ser completo investio pelas nobiliarchias e pela heraldica até dar nas raizes com a misera e mofina Ignez de Castro por um lado, e Piqueroby, o morubixaba de Piratininga, pelo outro. Um capitulo, o oitavo, pag. 101 a 123, estuda os antepassados, perfilados em dezesete synopses dadas em appensos: os appensos, de conteudo variadissimo, sobem a cento e cincoenta e nove (pags. 335 a 432). Cincoenta e oito gravuras illustram o texto artisticamente impresso em Tours.

O primeiro capitulo – as imagens (paginas 1 a 9) apresenta-nos o Imperador e a Marqueza taes quaes os revelam quadros, retratos, photographias, testemunhos de contemporaneos, elle typo de belleza masculla, quer a pé quer a cavallo, revelando a majestade no seu todo, ella «uma dessas formosuras de conjunto, onde mesmo as minucias irregulares antes se plasmam do que se desfazem nos planos da figura, concorrendo a fazer sobresahir o traço geral do cunho em effeitos totaes de seducção empolgantes e distinctos dos espalhados pela banalidade fastidiosa e insignificancia paradoxal de typos muito mais perfeitos».

Compare-se por contraste a visão do Imperador e da Imperatriz, quaes os notou uma manhã de Abril de 1825, no Arsenal de Marinha, um aventureiro allemão que acabava de desembarcar.

«D. Pedro é um bello homem, de estatura mediana, o rosto fortemente marcado de bexigas, de magnifica barba negra, escreve C. Schlichthorst; seu porte é negligentemente orgulhoso, falla depressa e resoluto, exprime-se soffrivelmente em francez. Os olhos negros e brilhantes não fixam muito tempo um lugar; tudo nota que se passa á roda; gosta de dar tom jovial ás perguntas mais serias. Quando ri, o que não é raro, mostra uma fieira de dentes alvissimos. Seu traje era acommodado ao clima e á hora: um casaco pardo e

leve, chapéo branco, calças brancas, um lenço de seda de côr passado descuidosamente ao pescoço.

A Imperatriz é baixa, atarracada, de rosto genuinamente allemão. Certa semelhança com a ex-Imperatriz de França, Maria Luiza, salta aos olhos; mas suas feições não têm o afinamento e a graça, que tão encantadora tornavam a esposa de Napoleão. O sol dos tropicos e o modo de vida pautado pelo hemispherio do sul deram-lhe uma alta camada de vermelhidão ás faces e provocaram a corpulencia commum ás brasileiras que já deixaram atrás a primeira juventude. Accrescia o vestuario infenso a olhos europeus: longas botas inteiriçadas de dragão com pesadas chilenas de prata, largas bombachas brancas, por cima uma breve tunica de seda, uma amazona aberta de panno pardo, lenço ao pescoço, branco, amarrado á gola da camisa, chapéo de palha desabado, azul claro».

As sympathias pelo Imperador jorram desde que o autor o defronta «sujeito a bronchites, abusando do Leroy e da Agua Viennense, com os rins inflammados, o figado congesto, areias e calculos raspando os canaliculos dessas visceras, sobretudo o horror larval da epilepsia, a presidir os conselhos, a galopar com furia, a poetar e musicar, a commandar, a chalacear, a escrever proclamações e declarações de amor, temerario e obstinado, omnipotente e licencioso.

Nos paços em que nasceu e morreu se inscreviam nas paredes scenas de Dom Quixote, determinada e bem propria allusão á vida que levou aos trancos, nas matas mineiras e nos areiaes do Sul, nas aguas do Oceano e nas veigas lusitanicas, gaúcho e nauta, soldado e D. João, sertanejo e cidadão, monarcha e aventureiro, na guarda e escolta de sua propria illusão... Differente de Bellerophonte, o seu destino não foi matar a Chimera, mas seguil-a. Imperturbabilidade era o dom de que mais se gabava a grande Catharina II; impressionabilidade a prenda e ufania de D. Pedro. Por toda a parte vibra este feixe de nervos; e de tal modo que a execução de seus actos explica os senti-

mentos que a todo o instante o aconselham e o corrigem, o compromettem e o sacrificam».

Collocando-se além do bem e do mal apresenta nos cinco capitulos seguintes ás mil facetas desta personagem quasi nieizscheana, brutal e meigo, deslinguado, e chorão, com a tyrannia no sangue e a liberdade no pensamento, superior ao meio tacanho, ultrajando a grammatica e acariciando a logica, «mecanico, marcineiro, tropeiro, magnifico e descocado, cavalheiroso e frascario».

Com a mesma amplitude seria impossivel pintar a amante imperial: «D. Domitilla na qualidade e condição delicada e fugaz dos seres femininos ficar-nos-á sempre distante, nebulosa e esphingetica. Os defeitos aggravaram-se ou os bons creditos ganham de feitiço e preponderancia, talvez pela insusceptibilidade ás analyses definitivas, peculiar ás apparições inabordaveis das sereias. Ajuda a complexidade dos refolhos e o indefinido dos lineamentos o vacuo historico que a subtilisa e denegra».

Domitilla—é a fórma que o autor prefere, fundado no *Flos Sanctorum* e em José Bonifacio; o nome acha-se escripto de quatorze modos differentes, a propria portadora variou a este respeito, foi a penultima de oito irmãos, quatro do sexo masculino, todos votados á carreira militar. Militar era tambem seu pai que veio a estabelecer-se em S. Paulo, conhecido pela alcunha de *quebra vintens*, porque, de facto, quebrava uma moeda entre os dedos. A filha herdou-lhe a força muscular, como provou já quarentona no convento de Sorocaba, cavando buracos para esconder caixões de moedas e barras de ouro ameaçadas de saque.

Nasceu na Paulicéa a 27 de Dezembro de 1797. Da primeira phase de sua vida apenas sabe-se que casou a 13 de Janeiro de 1813 com o Alferes Felicio Pinto Coelho de Mendonça, de importante familia mineira, alli destacado. Em Minas, para onde voltou, vieram á luz a primeira filha Francisca, em 1815, que esposou um tio, irmão da mãi, e morreu aos dezoito

annos de tuberculose, e Felicio em 1816; em S. Paulo o terceiro filho, João, baptizado a 26 de Agosto de 1819, que pouco viveu.

Quando este nasceu já não cohabitava o casal: elle diffamava-a publicamente e acabou dando-lhe duas facadas em Abril; ella fazia queixas amargas. D. Francisco de Assis Lorena chamava-se o seductor real ou supposto, bastardo de um antigo governador de S. Paulo e Minas Geraes.

Os annos immediatos á tragedia cobrem fartas murmurações. Ainda não ha muitos mezes ouvio quem escreve estas linhas cousas incriveis no Archivo de S. Paulo. Alberto Rangel prova o infundado de taes affirmativas. Apenas um ponto permittiria duvidar: o legado de doze contos ao filho testamenteiro «afim de que elle cumpra uma disposição particular conforme lhe recommendou em carta fechada de cuja disposição não será obrigado a dar contas, devendo ser acreditado sómente por seu juramento»; mas a rigor que se pode concluir dahi? Como provar a relação com successos passados quarenta annos antes?

Que peccado venal seria o que bastavam doze contos para redimir?

Em 1822 o Brasil atravessava um periodo revolucionario e os animos estavam agitados. Depois de serenar pela simples acção de sua presença a tempestade que bramia em Ouro Preto, o Principe Regente resolveu ir ás terras do Tieté onde as paixões tumultuavam e ferviam os odios. Dia de S. Bartholomeu pernoitou na Penha; a 25 de Agosto penetrou na Capital; a 8 de Setembro despedio-se dos Paulistas, depois de acalmar os espiritos e acclamar a independencia nas margens do Ypiranga; neste intervallo conheceram-se e ligaram-se o futuro Imperador e a futura Marqueza. Não faltam versões sobre o primeiro encontro, mas as palavras de D. Pedro fixam a verdade: «no dia em que fazia tres annos que eu comecei a ter

amizade com mêcê assigno o tratado de nosso reconhecimento como Imperio». Pag. 82. O reconhecimento do Imperio assignou-se a 29 de Agosto de 25; por conseguinte de 29 de Agosto a 8 de Setembro de 22 correu o decendio incendiario, cujas chammas ainda não estavam extintas em 29.

O caso lembra vagamente o de Napoleão e da Condessa Walewska em Varsovia: a um respeito a semelhança é completa e extremou estas de innumeras aventuras do mesmo genero succedidas aos dous imperantes: tanto a Paulista como a Polaca ficaram gravidas. «Tive artes de fazer saber a seu Pai que estava pejada de mim, escrevia-lhe a 27 de Novembro; mas não lhe falle nisso, e assim persuadi-lhe que a fosse buscar e a sua familia, que não ha de cá morrer de fome, especialmente o meu amor por quem estou prompto a fazer sacrificios» (pags. 100, 125). O primeiro fruto de amor não vingou; a elle devem referir-se as palavras de D. José Delavat (pag 180).

Quando chegou ao Rio não é bem liquido; em Maio já o pai recebia o soldo de reformado na guarnição da Côrte; em Março o marido, que aqui estava desde 21, fôra mandado para fóra como tenente ajudante do batalhão de Pilar e Serra. Parece morou para Mata Porcos nos primeiros tempos. As suas relações com o Imperador pouco a pouco se foram tornando conhecidas, e deram azo a desfeitas num theatro em Junho de 24, na Capella Imperial durante a Semana Santa de 25. Quando occorreu o ultimo incidente já devia ter sido apresentada na Côrte, pois no empenho de desaggraval-a a Imperatriz mandou que a Camareira-mór a nomeasse primeira dama de honor. A nomeação deu-se em 4 de Abril; desde então começou a ser visitada e adulada.

De sua influencia sobre o imperial amante, neste primeiro periodo, narra-se um facto bem significativo: a ella attribue-se o decreto de 16 de Junho de 1823, mandando cassar a segunda devassa aberta em São Paulo e estygmatizando-a como producção de rivali-

dades particulares. O golpe ferio José Bonifacio e Martim Francisco, que deixaram o Ministerio e nunca lhe perdoaram. Drummond perpetuou estas queixas e implicou-a na dissolução da Constituinte.

Alberto Rangel afina por Varnhagen na *Historia da Independencia*, ultimamente impressa, em que dir-se-hia ha o proposito de transformar o patriarcha em Barão de Lucena. «O summo saber e apuros do engenho tornam indiscutiveis os conceitos de bonzo e immodificaveis as determinações de aresteiro. Perigo á independencia alheia, disciplina importuna, odienta e insustentavel a impôr o alcorão ao livre agir e ao pensar dos outros. A vara do juiz ou de primeiro ministro nas mãos do poço de saber póde ser verga de lictor: é symbolo alto e solemne que virá a servir de açoite».

Como é indispensavel, como é urgente o livro de Martim Francisco sobre a familia dos Andradas, que só elle póde escrever e que já tem quasi escripto.

A 4 de Março de 1824 D. Domitilla de Castro do Canto e Mello requeria para ser depositada em casa de seu pai para tratar do divorcio com Felicio Pinto Coelho de Mendonça, «a quem sempre amou cordialmente, vivendo honestamente, obedecendo-lhe em tudo sem dar motivo de descontentar», ao passo que «este por seu máo genio e caracter tem maltratado a supplicante com violentas e repetidas pancadas, ameaçando-a até de a matar, a ponto de já ter pegado em uma faca para este fim, o que de certo teria acontecido se não acudissem á supplicante». O divorcio foi concedido a 21 de Maio e o ex-marido foi administrar uma fazenda imperial, pago e satisfeito. Satisfeito? Não, de todo. «Recalcitrava Felicio ao odio á antiga esposa. Narra o austriaco que Boaventura Delfim Pereira havia recebido de Felicio uma carta que apresentara a D. Domitilla. O resultado teria sido immediato com as furias da insultada. Em noite diluviana o Imperador, montando a cavallo, com um companheiro, saltara as doze leguas que o separavam de Peripery. Lá

chegando, esbofeteara o administrador da feitoria, entre grosseiros doestos. obrigando-o a assignar um papel em que empenhava a palavra de não atassalhar ou mesmo se occupar de D. Domitilla, sob pena de uma coça. Marschal, escreve *Surra*, dando ao vocabulo da giria portugueza as honras de inserção no aranzel a Matternich. Quem seria o chocalheiro pagem da aventura de costa acima e que a foi relatar aos ouvidos do embaixador? O nome do individuo daria arrhas de fidelidade á burlesca peripecia: ps. 132/133.

Dous dias depois do divorcio vinha ao mundo uma menina, primeiro fruto viavel dos amores imperiaes, baptisada com o nome de Isabel e como filha de pais incognitos. No anno seguinte nova gravidez, e no auge do contentamento o Imperador, a 15 de Outubro, houve por bem nomear Viscondessa de Santos, com as honras de grandeza, a D. Domitilla de Castro Canto e Mello, attendendo aos distinctos meritos da «primeira dama da Imperatriz, Minha muito amada e prezada Mulher, pelos quaes se faz digna de Minha Imperial Consideração». Em Fevereiro de 26 numa excursão que fez á Bahia com a Imperatriz, levou-a em sua companhia no mesmo navio e com ella esteve todo o tempo roubado aos deveres officiaes e aos ciumes da consorte, já desconfiada e agora convencida.

Já de volta o Imperador recebeu a noticia da morte de D. João VI e o chamado para subir ao throno de Portugal. Nos primeiros tempos da regencia, D. Pedro julgava possivel reunir as duas corôas, mas a experiencia o desilludira e optara resolutamente pela nova patria. Nas negociações para o reconhecimento da independencia do Brasil, quizera que isto ficasse bem claro, e só a opposição irreductivel do pai impedira a renuncia definitiva e cabal. Firme nas mesmas idéas, abdicou da corôa em sua filha Maria da Gloria, que deveria casar com o tio D. Miguel.

Depois de dar em 3 de Maio uma corôa á filha legitima, podia D. Pedro occupar-se dos bastardos santistas. Diz-se que pensara em fazer Duque de S.

ribunda tem sido explorada contra ella. Rangel prova que o escandalo foi provocado por Ministros, alguns seus bajuladores até então, que julgavam o sol no occaso.

O Imperador estava no Rio Grande do Sul e voltou ás pressas quando soube do fallecimento da Imperatriz. A Marqueza continuou a exercer o mesmo predominio. Fallou-se em que D. Pedro pretendeu tomal-a por esposa, invencionice aerea numa época em que não seriam mais possiveis D. Fernando e Leonor Telles. De facto Felicio, consolado provavelmente pelas amancias ancillares como antes do divorcio, continuava com vida. Correu que Feijó, o grande Feijó, iria até o assassinato para impedir o consorcio!

Entretanto, a situação mudara aos poucos. As cartas continuavam numerosas, mas os encontros espaçavam-se. As ausencias do Rio amiudavam-se; mais influio sobretudo a idéa de novo casamento com uma princeza européa que alguem suggerio e foi abraçada apaixonadamente. A historia das tentativas matrimoniaes do recem-viuvo já foi narrada ao comprido na mal escripta, mal disposta, mal revista, mas imprescindivel *Vida do Marquez de Barbacena* por Antonio Augusto de Aguiar. Completou-a um artigo do Conde de Barral, neto do Visconde de Pedra Branca, que parece foi o negociador feliz; o artigo sahio em uma revista pariziense.

A fama da Marqueza atravessou os mares; princeza alguma quiz repetir as experiencias de D. Leopoldina; o afastamento era condição prévia de qualquer negociação bem succedida; a idéa de sacrificio enraizou-se no animo imperial, e uma carta quasi brutal, de que o livro dá extractos, impoz e conseguio a retirada.

De Outubro de 1828 a Abril de 1829 a Marqueza esteve em S. Paulo, onde soffreu horrores, a acreditar em suas palavras. As noivas continuavam esquivas e D. Pedro, attribulado pelos successos de Portugal, onde seu irmão D. Miguel podia emfim mostrar-se tal

qual era, ou qual o queriam seus partidarios obcecados, escreveu ao ex-sogro que por ora não podia pensar em casamento. Lucrou com isso a Marqueza, que em Abril novamente appareceu na Côrte.

A sua estadia não devia ser longa. O casamento ajustou-se em Maio com a bella Amelia de Lenchtenberg, filha do Principe Eugenio, neta de Josephina de Beauharnais ou Bonaparte, e o Imperador ratificou-o em 30 de Julho de 1829.

Na mesma occasião a Marqueza declarou-se gravida e o Imperador esbravejou. Conta a Condessa de Iguassú: «Desde o ventre de minha mãi eu principiei a soffrer. Estando ella gravida de mim, com dous mezes, quiz meu pai matal-a, dizendo que eu não era sua filha; então meu tio José de Castro, pondo-se na porta do quarto de minha mãi na occasião em que meu pai queria entrar, lhe embargou o passo e lhe perguntou onde ia; meu pai respondeu: matar aquella que diz que está gravida de mim, não sendo meu filho; então meu tio lhe disse: Senhor, se o filho ou filha que minha irmã tiver não fôr seu, eu lhe dou a minha cabeça (pag. 373).

A Marqueza partio para S. Paulo a 27 de agosto de 1829, quasi 7 annos, dia por dia, depois da amizade tempestuosa travada em 22, a 29 do mesmo mez, e, afóra ligeiras excursões, passou o resto da existencia na terra natal. Em Agosto de 1833 morreu-lhe a filha primogenita; em 3 de Novembro morreu-lhe o marido Felicio, no sitio da Piedade, em Marapicú. Podia casar outra vez e de facto convolou a novas nupcias, sem abandonar o titulo.

O capitulo XVI, «A Matrona» (pags. 257 a 291), contém a historia de trinta annos e é um dos mais interessantes, pela copia de pequenos factos e anecdotas caracteristicas. Como amostra póde servir esta miniatura: «Por volta de 1860, D. Domitilla, a veneranda sexagenaria e duas vezes viuva, era uma ruina esplendida: Fizera-lhe o tempo concessões excepcionaes. A velhice veio com delicadezas de um retocador de qua-

dros. Cobrio-a de neve onde devia, conservou-lhe o que pôde da sobranceria do meio corpo apparatoso, soprou-lhe sobre a tez um halito que mal lhe tirava a frescura e o alvor retrospectivos, tendo-lhe deixado a brancura de nacar nos dentes sãos e nos olhos ainda uma scentelha, em memoria dos antigos fogareus que nelles se accendiam. E demorou-se no trabalho subtil o artista commummente desabusado e ultrajante . . . Ella ajudava-o na poupança, vestindo-se com apuro, afim de comparecer ás festas mundanas e religiosas, e usando das fabulosas joias de seus escrinios. Pela Semana Santa, a visita ás igrejas dava-lhe occasião de ostental-as abundantemente, bem como as sedas bordadas, os escarpins e leques maravilhosos».

Falleceu de enterocolite a 3 de Novembro de 1867. «Prantearam-n-a, da plebe ás grandes familias, gregos e troyanos. Saldanha Marinho, Presidente da Provincia, compareceu ao sahimento funebre. Nem um preito devia ser mais honroso aos manes da Marqueza de Santos do que o prestado pelo homem em quem se encarnavam a independencia, a honestidade e o liberalismo de duas gerações».

O capitulo final (pags. 292 a 383) examina as accusações feitas á Marqueza e prova que não procurou influir na politica, salvo a intervenção benefica e pacificadora na devassa paulista, que não pesou aos cofres publicos, que seus parentes só obtiveram promoções legaes e honrarias platonicas, que a ninguem perseguio e a muitos protegeu.

Um dos maiores accusadores da Marqueza foi Antonio de Vasconcellos Menezes de Drummond, e não vem fóra de proposito inquirir do credito que merece o memorialista. Os seguintes factos ajudam a formar opinião. Seu depoimento, felizmente impresso, no processo instaurado contra Januario, Alves Branco, José Clemente, Ledo, numa questão de pennacho, porque os Andradas, apezar do favor imperial, não podiam

improvisar prestigio igual ao delles, moradores antigos, lutadores conhecidos nesta muito heroica e leal, é contradictorio e odiento. Compare-se o que diz sobre Villela Barbosa nas Constituintes de Lisboa com o que Gomes de Carvalho documenta no seu conscienciosо livro a respeito dos Deputados brasileiros áquellas Côrtes e ver-se-ha como sua memoria era sujeita ás traições e desfallecimentos. Leia-se finalmente o seu famoso officio de Junho de 1852, em que denunciou ao Governo brasileiro, que havia annos representava em Portugal, o emprego de animaes putrefactos e talvez de carne humana, numa fabrica de paios de Aldeia Gallega. Depois deste estardalhaço ficou incompatibilisado com a côrte de Lisboa; a habilidade e a energia do Visconde de Uruguay permittiram-lhe uma sahida mais ou menos airosa, mas não pôde mais tornar á actividade. Aproveitou os ocios forçados para escrever; é pena não escrevesse mais; lel-o, traz sempre proveito; mas aqui é o caso de confiar desconfiando sempre.

Na introducção, Alfredo Rangel explica os motivos por que escreveu *D Pedro e a Marqueza de Santos*. A melhor explicação é o proprio livro A obra louva o artista, que sabe escrever com vigor, com brilho, com colorido No seu vocabulario ha carapinhas que estão pedindo pente ou tesoura. Certas incorrecções seriam facilmente evitaveis. Infelizmente não ficou de todo immune de certa grammatiquice industrial, genero importado, que Said-Ali zurzio em tempo, e contra a qual já começou o grito de alarma em S. Paulo.

CAPISTRANO DE ABREU.